

O PROGRESSO

Orgão Litterario e Scientifico

DO COLLEGIO S. PEDRO DE ALCANTARA

REDACÇÃO: - RUA DE S. CLEMENTE N. 30

REDACTORES: — Manuel M. Couto, Theodoro de Faria Souto, Carlos Domingues, Francisco M. Couto
Pedro A. Steel, Franklin A. Duarte e Luiz Paret

Anno 1

Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 1886

Num. 8



O PROGRESSO

28 de Setembro

Não há quem ao folhear as páginas da nossa história não encontre esta memorável data como um emblema da sua redenção social.

Felizmente há já hoje um forte partido abolicionista que com a sua bandeira agasalha e protege essa pobre gente Africana que, felizmente, de instante a instantes, está caminhando para a luz, devido isto a homens energicos e dotados de patriotismo.

O primeiro partido político que deu um passo gigantesco para a libertação dos escravizados foi o Conservador, quando se achava no poder; era então presidente de conselho de ministros o eminentemente estadista, de saudosa memória, José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco.

Foi este atleta da tribuna e da imprensa que nos legou a lei de 28 de Setembro de 1871 que jamais será esquecida entre o povo brasileiro.

Rio Branco era digno de um templo porque veio pôr termo à vergonha da sua pátria e dar uma prova sincera de que ao seu paiz aiudá havia um homem que tinha o cérebro alumniado pelo Sol da liberdade, e que comprehendia perfeitamente que a escravidão não é

propria do século XIX, século de luzes.

Infelizmente ainda podemos apontar homens instruídos e estados de grande talento que são proselytas d'esta seita: a escravidão.

Esta miserável seita já devia estar expunjada há muito tempo; mas assim o querem assim o têm.

Já chegou: occultemos tudo isto, vamos chorar as nossas vergonhas.

Terra Negreira até quando pretendes tu ficar adoruscida n'este leito de vergonhas?

M. M. Couto

A Abolição

(Continuação)

Encaremos por um momento a horrorosa scena de que a Paraíba do Sul foi theatre, sendo a principal personagem a polícia do Sr. Recha Leão.

Este drama edificante, tão conhecido dos nossos leitores, condonna o paiz onde se dê e nos faz crer que estamos no tempo da Inquisição.

Um facto como este, sucedido no seio d'un imperio que se diz civilizado, bem perto de sua capital e debaixo do olho de Sua Magestade o Imperador, não deve passar desapercibido pelos uit s podres do Estado.

Foram victimas d'essa medonha tortura judicial quatro escravos: dois calicram iuguntes debaixo do azorague do barrasco e os outros

dois, nos quais o açoite não conseguia abater, ainda soffrem hoje das profundissimas chagas produzidas pelo chicote do miserável executor.

E' dever de todo o cidadão justo e amante da sua pátria clamar insistentemente contra esse vandalo que muito nos compromete ante os olhos do mundo civilizado.

Os altos poderes do Estado não ignoraram esta barbaridade, mas até hoje nem uma providencia se tem dado.

Pobre paiz! vítima da prepotência negreira!!!

Miserável situação!!!
Cada cidade dô Imperio é um castello feudal, onde imperam verdadeiros heróes, que dominam a autoridade que vêm d'um se lhes submette ali elles exercem sobre os desprotegidos da fortuna e sobre os escravizados a maior oppressão que se pode imaginhar.

Tudo isto concorre para a ruina do imperio.

Um dia chegará em que cahirão por terra os castellos onde se acha aziupati a escravidão no som da trombeta da legião abolicionista.

K. Liso

(Continua)

A Civilisação dos Indigenas do Brazil.

(Vide o n. 6.)

Tudo quanto há na capitania do Pará, tirando as terras, não vale 10.000 cruzados, com o é notorio, e desta terra há de tirar N. do N. de 1.000 cruzados, em tres an-

nos, segundo se lhe não vão logrando bem as indústrias.

*Tudo isto sue da rigidez e do rigor dos tristes Iudíos, nos quais tracta como lhos escravos, sem que nemhum tem liberdade nra para deixar de servir a elle, nem para poder servir a outrem; o que, além da injus-
ticia que se faz aos indios, é occasão de padecerem muitas necessidades os Portugueses, e de perecerem os pobres.*

Em uma Capitania destas con-
fessei uma pobre mulher, das que vieram das Ilhas, a qual me disse,
*com muitas lagrimas, que de nove filhos que tivera, lhe morreram, em tres mezes, cinco filhos, de rixa, ro-
me e DESAMPARO; e consolando-a
em, pela morte de tantos filhos,*
respondeu-me: «Pai, não são esses os porque eu choro, senão pelos quatro que tenho vivos sem ter com que sustentar, e peço a Deus, todos os dias, que não leve também.» São lastimosas as talserias que passa esta pobre gente das Ilhas; porque como não tem com que agradecer, se algum Indiano se reparte, não lhe chega a elles, senão aos ruderosos, e é este um des-
samparo a que Vossa Magestade, por piedade, deverá mandar acudir com effeito; mas também a isto se accoda nos Capitulos d'um pa-
pel, que com esta vai.

Tornando aos Indianos do Para, aos quais, como dizia, se serve quem alli Governa, como se fossem seus escravos, os traz, quasi todos, ocupados em seus interesses, prin-
cipe palmente no dos tabacos, obriga-
me a consciencia a manifestar a Vossa Magestade os grandes pec-
cados, que, por occasião deste ser-
viço, se commettem.

Primeiramente nenhum destes Indianos *vae sendo violentado, e por força; e o trabalho é excessivo e em que todos os annos morrem muitos, por ser venenosoissimo o vapor do ta-
baco; o rigor com que são tratados, é MAIS QUE D'ESCRAVOS; os nomes que lhes chamam, e que elies muito*

santem, vimos; o comer é qua-
si NUNCA; a paga tão limitada que não satisfaz à menor parte do tempo, nem da trabalho, e como os tabacos se lavram sempre em terras fortes e novas, e arroto distantes das Aldeias, estão os Indianos ausentes de suas mulheres, e ordinariamente elles e elles em mau estado, e os filhos sem quem os sustente; porque não tem os Paes tempo para fazer suas roupas, eis que as Aldeias estão sempre em grandissima fome e miseria.

Assim que, Senhor, consciencia e mais consciencia é o principal e unico talento, que se ha de buscar nos que vierem governar este Es-
tado.

Se houvesse dous homens de
consciencia, e outros que nos suc-
cedesssem, não haveriam inconvenientes de astar o Governo dividido.
Mas se não houver mais que um,
venha um que governe todo, e
trate do serviço da Igreja e da Vos-
sa Magestade, e se não houver ne-
nhum, como ate agora parece que
não houve, não veulta nenhum,
que melhor se governará o Estado
sem elle que com elle; se para a
justica houver um letrado recto,
para o politico basta a Camara, e
para a guerra um Sargento-mor, e
esse dos da terra e não d'Elvas,
nem de Flandres; porque este Es-
tado, tendo tantas legions de costa
e de ilhas e de rios abertos, não se
ha de defender, nem pode, com
Fortalezas, nem com Exercitos, se-
não com assaltos, com canibas, e
principalmente, com Indianos, e esta
guerra só a sabem fazer os mora-
dores que conquistaram isto, e não
os que vêm de Portugal.

Aqui ha homens de boa quali-
dade, que podem governar com
mais noticia, e tambem com mais
temor; e ainda que tratem do seu
interesse, sempre será com muito
maior moderação, e tudo o que
grangearem ficará na terra, co-

que ella se irá augmentando; e
se desfruarem as herdades será
como Dona e não como Rendeiros,
que é o que fazem os que vêm de
Portugal.

Mas num vez que os Indianos es-
tiverem independentes dos Gover-
nadores, arranca la esta raiz, que
é o peccado capital e original deste
Estado, cessarão também todos os
outros que d'elle se seguem, e Deus
terá mais motivo de nos fazer
meros.

MASSEL M. COURTO

(Continua)

Causas principaes da decadencia das finanças do Brazil

A indiferença dos nossos minis-
tros para este ramo importantíssimo
da publica administração é una
das causas que mais contribuem
para o estreco em que se acham as
nossas finanças; elles são quasi
sempre levadas p' la influencia po-
lítica e pelo empacho de alguns ci-
dadãos que muitas vezes não olham
para os interesses de sua pátria
mas para os seus próprios.

Até a je no nosso paiz ainda se
não concebeu um bom plano de es-
tendas de ferro.

Por ventura essas imensas ri-
quezas que existem no nosso terri-
tório não podriam ser explora-
das e trazidas aos nossos portos por
meio deste excelente artificio, e
portanto dando um grande impulso
as nossas finanças?

O nosso diâmetro é empregado
não rae em estradas de ferro que
percorrem terrenos estériles e des-
povoados, não dando na mór parte
das vezes nem sequer para as des-
pesas.

A unica província do nosso paiz
que a este respeito pode vanglo-
riar-se é a de S. Paulo.

As suas estradas dão grandes
rendas; mas qual a razão? nada

mais simões — porque as estradas quasi todas pertencem a particulares, capitalistas que não empregam o seu dinheiro em causas in-frutíferas; e porque não as fazem atravessar lugares intumescidos improductivos e desertos.

Os nossos governantes pouco se importam de assignar contracções e dar garantias a vias ferradas que nada dão e mesmo não têm futuro; mas supõem-nos que tivessem futuro, não precisamos de estradas para o futuro; primeiramente aquellas que nos trazem auxílio imediato e depois as outras.

Contrahir empréstimos e apinhalar povos não é ponto de Estado que já se não seja em bôs confiados; tal é a meta dos nossos governantes.

Em qualquer outro país civilizado não se cometem os escândalos que aqui se praticam.

Nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Rússia, se gastam um real em causas in-frutíferas, e é por isso que elles não sofrem vergonhas, contraindo a todo o momento empréstimos; no nosso paiz desgraçadamente tudo se faz ao contrário; gasta-se muito em causas inutais.

Se qualquer estrangeiro nos faz uma pergunta a respeito do modo por que correm os nossos negócios, a nossa resposta é aquella vergonhosa frase que todos nós conhecemos perfeitamente: *o nosso paiz é muito novo* — frase que nada significa, pois que podemos nos confrontar com os Estados Unidos, que também são um paiz novo; mas devemos substituir aquela frase por esta: *no nosso paiz não ha verdadeiramente honestas patriotas, sinceros e que veem pelos nossos interesses*.

Basta somente dizermos: duas causas: *que no nosso paiz as elas não são feitas tal qual a vontade do povo, que aí não todos os cultos etílicos não são permitidos, e apenas tolerados*.

A nossa assembléa geral, em vez de tratar dos negócios concernentes no Estado, ocupa-se de questões individuais; parece que os nossos políticos nunca seguiram um dos princípios fundamentaes da lei de Socrates: *o dever...*

Mas voltemos ao assunto.

Não sabemos de que modo os que nos governam gastam tanto dinheiro e todo muito mal; e uma das causas disto é a condescendência dos nossos estadistas, que muitas vezes esquecem os seus deveres para se deixarem guiar pelos empenhos e pelo filhotismo.

Finalmente, calem-nos ante muitas vergonhas que poderíamos enumerar; são tão negras quanto descorraladoras para um paiz como o nosso, que pretende trilhar a *estrada do progresso com a escravidão e com tantos erros e fracassos*.

Podemos desenganarmos: em quanto não houver estadistas patriotas e que veem pelos negócios de seu paiz, havemos de ser um povo atrasado.

Manoel Marques Cuato.

A EXECUÇÃO

Para verificarmos nessa este phantasma horrendo ainda conserva a sua renda plantada no solo brasileiro.

Grande é ainda a legião, cujo intento é proteger esta miséria instituída pela sede do ouro, mas de dia em dia esta legião vai se tornando fraca, ameaçando desmoronar-se de um momento para outro.

A posição dos que governam na resolução d'este problema é vacilante.

Os oprimidos pela escravidão esperam ansiosos o dia em que seja arvorado no Brasil o estandarte da redempção.

Que scenas commoventes e a mesmo tempo irrisórias são estas

que estamos a presenciar todos os dias!!

O governo não poupa um momento para espantar a liberdade e cuspir no rosto da nação.

O abolicionismo essa pleiade de corações que, palpitando pela liberdade e ao mesmo tempo indignados deante dos tensbrosos espectáculos de que são victimas os pobres escravos, não cessam tambem de clamor contra essa prepotencia.

Enquanto o governo não ousava atacar de frente a liberdade, os abolicionistas eram poucos; mas, desde o momento em que elle, esquecendo que tem de prestar contas de seus actos à História, provocou a luta, ergueram-se uma multidão de patriotas para combater em prol da liberdade.

Trayou-se ento uma horrivel luta entre os abolicionistas, representantes do direito ultrajado, e os escravocratas, representantes da prepotencia e da avidez.

Qual será o vencedor e o vencido?

O futuro nol-o dirá, ou antes, vol-o dirá, senhores, escravocratas, porque a nós, já a legitimidade da causa dos párias nos dá a segurança da vitória inevitável.

PEDRO A. STUB

O PAIZ

Completa no dia 1º. de Outubro o seu 2º. anniversario *O Paiz* um dos primeiros órgãos diários do Brazil.

Não houve até hoje jornal que em tão poucos annos de existencia tenha progredido tanto como este, debaixo de todos os pontos de vista.

As suas columnas fulguram com os mais bellos artigos, traçados por mestres do jornalismo brasileiro: Quintino Bocayava, Joaquim Nabuco, Joaquim Serra, Leitão, Pereira da Silva e França Junior, etc.

As nobres e collegas as nossas rea-

peitosas saudações e votos sinceros para que trilhe sempre, como aé hoje, uma estrada semeada de louros.

Participamos aos nossos leitores que começam a fazer parte do nosso humilde órgão como redactores os Srs. Franklin Arthur Duarte, Luiz Paret e Pedro Alberto Staele.

RECEPÇÕES

Recebemos e agradecemos a visita dos seguintes collegas:

Rerista do Ensino.—Esplendida orgão quinzenal, que acaba de apparecer na cidade de Ouro-Preto.

Longa existencia e boa acceptação é o que lhe desejamos ardenteamente.

O Cherubim.—Este excellente orgão dedicado ao bello sexo completou no dia 13 do corrente o seu 2º. anniversario. Pelo que vemos, o nosso distinto collega creou mais vitalidade, pois que, de pygmen, foi de um passo, a gigante. Nossos sinceros parabens.

Gazetinha.—(Juiz de Fóra). O nosso mui nobre collega oferece textos de litteratura suave e amena aos seus leitores.

O Pygmeu.—Traz bellos artigos litterarios, bem elaborados.

O Merito.—D'esta vez o collega não quiz pôr *as manguinhas de fóra*, contudo nos dá artigos dignos de apreciação.

O Baluarte.—É um novo campeão que acaba de surgir no mundo jornalistico.

Que trilhe a senda do progresso é o que nós sinceramente desejamos.

O Imparcial.—Orgão do Gremio Litterario Pedro de Abreu, redigido por uma pleia de jovens esperançosos.

O Pensador.—Orgão Litterario, Scientifico e Noticioso.

O collega nos pede desculpas de não ter dado notícia do nosso journal, em consequencia de ter chegado muito tarde ás suas mãos; creia o collega que por isso não ficaremos zangados.

O Trabalho.—Magnifico.

O Munho Noro.—O collega vem de lá, de Thorezina, como o pequeno pollegar com as botas de sete legoas do lobishomem.

O Aspirante.—(S. Paulo). Pela primeira vez fomos visitado pelo amavel collega.

O Meteoro.—Cada vez o collega vai criando mais animo.

O Papagaio.—Periodico chistoso e noticioso, que *palta* na cidade de Maceió.

O collega visitou-nos pela primeira vez. Bem vindo.

O Passaro.—Orgão recreativo, litterario e noticioso, que se publica na cidade de Leopoldina, São seu redactores os Srs. Viana Lessa & Gama.

O Seculo XIX.—Excellentre publicação, que se edita na esperançosa cidade de S. João do Rio Claro: é orgão de uma associação litteraria.

O Relâmpago.—(Certe) Agencia Commercial Portugueza.

Gazetinha.—(Santos) Bôa.

o Moreminha.—Orgão litterario e recreativo dedicado ao bello sexo.

O Tempo.—Periodico hebdomadario, Litterario, Crítico e Noticioso. Bôa leitura nos offerce o collega.

Barão de Macahubas.—O numero que temos á mão é comme-

morativo do anniversario do mui digno educador o Sr. Barão de Macahubas.

Diarjo de Sorocaba.—Excelente jornal que se publica na famosa Sorocaba.

Mais uma vez agradecemos sinceramente a visita diaria do collega.

Gazetinha.—(Guaratinguetá) Bôa. Pedimos ao nosso amavel collega que não nos encarregue da sua distribuição visto que nos é muito incômodo fazê-la.

O Pitangay.—Semanario critico, litterario e noticioso, que se publica em Pitangay.

A Rerista Federal.—É este o nome de um esplendido orgão do partido republicano Rio Grandense, que se publica n'esta cidade. É bem elaborado, sendo os seus artigos todos dignos de apreço.

O Mineiro.—Magnifico. Traz um bom artigo, intitulado «Os dois milhões.»

O Aranto de Minas.—Orgão do partido conservador, publicado na cidade de S. João d'El-Rei.

O Pequeno Jornal.—Muito bom.

A Gazeta da Bocaina.—Optima.

A Gazeta de Valença.—Esplendida.

A Evolução.—Excellentre orgão que se publica na terra da goabada.

O Rezendense.—O seu artigo de fondo trata da imigracão.

O Progresso.—(Guarantigueta) Muito bom.

A Tribuna de Paraty.—Bôa.

O Aspirante.—(Juiz de Fóra) Muito bem escripto.

A Matraca.